

O GÊNERO ENSAÍSTICO DE HUME COMO FUNDAMENTO PARA UMA RESPOSTA FILOSÓFICA AO PENSAMENTO MODERNO

*HUME'S ESSAY GENRE AS A FOUNDATION FOR A PHILOSOPHICAL RESPONSE TO
MODERN THOUGHT*

Laiz Fidelis

Universidade Estadual do Ceará

laizfidelis07@gmail.com

RESUMO: Investigações que tomam os ensaios humeanos demonstram-se escassos, tanto nacionalmente quanto internacionalmente, principalmente quando se trata em destacar quais princípios filosóficos Hume teria utilizado para sua escrita ensaística. Por esta razão, nosso objetivo é demonstrar que os ensaios humeanos têm por fundamento três dos princípios mais importantes da filosofia de Hume, o princípio da causalidade, o hábito e o princípio da simpatia. Para esta demonstração nota-se como necessário delimitar de forma precisa como esses princípios podem ser a base para a escrita ensaística, como Hume os utilizou e qual o papel de cada um deles para a construção ensaística.

PALAVRAS-CHAVES: Hume; Ensaaios; Causalidade; Simpatia; Estética.

ABSTRACT: Investigations that take Hume's essays prove to be scarce both nationally and internationally, especially when it comes to highlighting which philosophical principles Hume would have used for his essay writing. For this reason, our aim is to demonstrate that Hume's essays are based on three of the most important principles of Hume's philosophy, the principle of causality, habit and the principle of sympathy. For this demonstration, it is necessary to define precisely how these principles can be the basis for essay writing, how Hume used them and the role of each one of them in essay construction.

KEYWORDS: Hume; Essay; Causality; Sympathy; Aesthetics.

Introdução

David Hume foi um dos mais celebres filósofos da modernidade, todas as suas críticas céticas e empíricas foram de grande contribuição para o progresso filosófico. Além desta contribuição também se destacou ao tratar de outros temas, como: religião, ética, política, psicologia moral⁴, entre outros assuntos que lhe pareceram pertinentes (como o gosto, a superstição, sobre a eloquência, entre outros).

Hume considerou cada um desses princípios como fundamentais e de grande importância para serem discutidos pela filosofia e assim os publicou de forma ensaística, abordando filosoficamente os seus sentidos. A pretensão de Hume era alcançar um público esquecido pelos literários e filósofos, seu objetivo era tornar sua filosofia uma leitura simples e adequada para que todos pudessem compreendê-la. O mais intrigante é que apesar de Hume ter se dedicado à escrita de suas obras, como: *Tratado da natureza humana*, *Investigação sobre o entendimento humano*, *Uma investigação sobre os princípios da morais*, *História natural da Inglaterra*, *História natural da religião*, dentre outras, todas elas o tornaram um dos filósofos mais renomados da modernidade, então por que Hume teve a necessidade de escrever um conjunto ensaístico? Esta é uma das questões que se demonstrou bastante pertinente à esta investigação, e por este motivo investigaremos por que Hume dedicou-se a escrita ensaística, e qual seria seu objetivo.

Nossa hipótese interpretativa baseia-se em afirmar que os ensaios humanos são sim filosóficos, e para isto apontaremos e demonstraremos quais conceitos filosóficos Hume utilizou para seu conjunto ensaístico. Para alcançarmos nosso objetivo, utilizaremos sua obra mais renomada, em busca de determinar quais conceitos filosóficos aplicou a escrita ensaística e o porquê usou cada um deles. Utilizaremos a obra *Tratado da natureza humana*, no qual Hume explica todo seu pensamento filosófico e explica cada um de seus conceitos epistemológicos, em conjunto utilizaremos os *Ensaios morais, políticos e literários*, para demarcar e demonstrar como Hume aplicou sua teoria epistemológica à escrita ensaística. Para chegarmos em nosso objetivo, primeiramente analisaremos o período em que Hume estava inserido.

1. A estrutura filosófica dos ensaios humeanos

Entre 1741 e 1742 Hume publicou sua primeira coleção ensaística e a nomeou como *Ensaios morais, políticos e literários*, que foram bem mais recebidos do que sua obra *Tratado*

⁴ David Fate Norton nos autoriza declarar que a teoria das paixões em Hume é uma psicologia moral, ver *An Introduction to Hume's Thought*, in *Cambridge Companion to Hume*, p. 16.

da natureza humana. Hume acreditava que o fracasso de seu *Tratado* se deu por causa da maneira que foi escrito e não por questões de conteúdo filosófico, por esta razão ele decidiu reformular a primeira parte de seu *Tratado* e o publicou como *Investigações sobre o entendimento humano* e a terceira parte como *Investigações sobre os princípios da moral*. Após sua tentativa de não fracassar novamente com suas publicações, Hume desejava aplicar à sua escrita ensaística “seus sentimentos e princípios filosóficos⁵” mais relevantes. Os ensaios foram muito conhecidos em outras áreas disciplinares, como: moral, política, retórica, jurisprudência e civismo. Apenas recentemente que a escrita ensaística foi incluída como obra significativa dentre a gama de obras humeanas já publicadas. Apesar disso, os ensaios demonstram-se bastantes centrais para a exposição dos conceitos filosóficos de Hume, como veremos posteriormente.

O ensaio de Hume forneceu ao curso investigativo escocês uma grande ampliação, no campo ilustrativo, assim como foi particularmente uma das obras mais importantes para tratar sobre a política, a cultura e a linguagem escocesa. Os escritos de Hume tinham uma forma inovadora, porque foram moldados com o intuito peculiar de alcançar o mundo erudito moderno da academia, assim como o mundo da sociedade civil educada e o mercado literário. Hume queria encontrar meios que pudesse tornar suas ideias populares, seus esforços foram tão grandes que os seus ensaios tiveram sua total atenção e dedicação, e por esta razão ele concentrou-se em fazer repetitivas revisões, além de sempre querer esclarecer suas preocupações sobre os assuntos ensaísticos. Antes da escrita ensaística e prosa humeana outros filósofos também produziam desta forma. Como exemplo podemos citar Francis Bacon⁶ (1561-1626) e Michel Montaigne⁷ (1533-1592). Mas diferente de seus escritos, os ensaios humeanos

⁵ Sobre esta afirmação ler a “Introduction” (Introdução) da obra *David Hume Selected Essays* descrita por Stephen Copley e Andrew Edgar que descrevem que Hume tinha feito esta afirmação quando escreveu seus ensaios e os publicou pela primeira vez.

⁶ Um dos textos filosóficos de maior importância de Francis Bacon foram seus ensaios que, além de reunir sinteticamente os princípios norteadores do pensamento baconiano, reacende vigorosamente grandes temas éticos e políticos. O filósofo compreendia a importância da escrita ensaística para além de “palavras simples” e “ideias comuns”, mas como um gênero, de fato, filosófico. “O estilo de Bacon, embora elegante, não é tão simples quanto parece ou como costuma ser descrito. Na verdade, é um caso bastante complexo que alcança seu ar de facilidade e clareza mais por meio de suas cadências equilibradas, metáforas naturais e simetrias cuidadosamente arranjadas do que pelo uso de palavras simples, ideias comuns e sintaxe direta”. Como exemplo, seu primeiro livro publicado foi *Essays: Religious Meditations. Places of Perswasion and Disswasion. Seene and Allowed*, de 1597, onde está reunido, dentre outros, os ensaios: *Of truth, Of Death, Of Love, Of Beauty, Of Fortune*. Ler: *Internet Encyclopedia of philosophy* “Francis Bacon”.

Disponível em: <https://iep.utm.edu/francis-bacon/#SH2a>. Acesso em: 07/12/2022

⁷ Montaigne foi o primeiro autor a chamar seus escritos de “ensaios”, é frequentemente descrito como o primeiro a utilizar o termo “ensaio” e que é ao mesmo tempo adequado e enganoso. É enganoso porque hoje tendemos a pensar em um ensaio como uma unidade literária independente com seu próprio título e assunto, composta e publicada independentemente, e talvez posteriormente reunida em uma antologia com peças publicadas anteriormente do mesmo tipo. “[...] O mesmo pode ser dito dos capítulos individuais do livro de Montaigne, bem

tinham como modelo serem ensaios periódicos, que seriam publicados por semana, como demonstra Copley e Edgar ao afirmar que no anúncio da primeira edição dos ensaios em 1741, Hume tinha em vista publicá-los como “papeis semanais”, destinados a compreender os desenhos dos espectadores e artesãos. O objetivo de Hume era utilizar duas diferentes publicações⁸ para que pudesse alcançar um público maior. Os papeis semanais humeanos tornaram-se uma das publicações inglesas mais influentes na Grã-Bretanha e no continente, foram traduzidos em diferentes línguas, francesa, alemã e italiana, e desempenhou um papel de formação cultural e educacional na Escócia. Os ensaios foram publicados em março de 1741 até 1748⁹ e oferecia a uma classe média uma orientação sobre as boas maneiras, sobre a moral, estética, filosofia e conhecimentos gerais capazes de torná-los indivíduos “educados”. Hume possibilitou que um conhecimento polido e geral, não totalmente especializado, fosse acessível de maneira tão grandiosa que os seus leitores conseguiram refletir sobre seus valores sociais. Mesmo que o objetivo de Hume fosse alcançar um público mais diferenciado, o que de especial teria os ensaios de Hume, já que a escrita ensaística anteriormente já havia sido utilizada por outros pensadores?

A influência ensaística de Hume demonstra-se ir além do campo filosófico, todas as discussões propostas nos ensaios eram discutidas de forma independente e lançavam uma clareza sobre os assuntos mais recorrentes da sociedade. O filósofo não só se preocupou em falar sobre qualquer assunto, ou que se destinava apenas ao âmbito filosófico, mas procurou notar o que demonstrava ser mais recorrente e importante para os indivíduos modernos. Apesar dos ensaios serem completamente independentes um dos outros, Hume achou necessário desenvolver novamente alguns argumentos que anteriormente haviam sido discutidos. Seu objetivo era deixá-los mais claro ao seu público e por esta razão se dedicou em qualificá-los e por muitas vezes os revisou, editou e os republicou. Acredita-se que toda esta dedicação de Hume era resultado da busca incessante que o iluminismo escocês tinha sobre o

como do livro como um todo. Os *Ensaio*s parecem ser um trabalho decididamente assistemático em quase todos os aspectos. A sexta e última edição do texto é composta por 107 capítulos sobre uma ampla gama de tópicos, incluindo – para citar alguns – conhecimento, educação, amor, corpo, morte, política, natureza e poder do costume e a colonização do ‘Novo Mundo’”. Sobre esta afirmação ler: *Internet Encyclopedia of philosophy* “Michel de Montaigne”.

Disponível em: <https://iep.utm.edu/>. Acesso em: 07/12/2022.

⁸ Tanto na introdução da obra *David Hume Selected Essays* como no “FOREWORD” (prefácio) da obra *DAVID HUME ESSAYS MORAL, POLITICAL, AND LITERARY*, escrito por EUGENE F e MILLER afirmam que Hume queria alcançar um novo tipo de público com sua escrita ensaística.

⁹ Como consta na nota preliminar da obra *A arte de escrever ensaios*, tradução de Marcio Suzuki e Pedro Pimenta (2008).

desenvolvimento e funcionamento da sociedade civil, em todos os âmbitos não apenas no filosófico.

Essa preocupação de desenvolvimento e funcionamento da sociedade civil, tinha como objetivo tratar sobre sua estrutura e modo, de como as discussões particulares do gosto, da política, da moral, da economia e da estética estariam sendo discutidas pela sociedade moderna. E por que seria importante compreender essas discussões em particular? Na interpretação de Hume, não era apenas necessário compreender o desenvolvimento desses princípios, mas antes de tudo compreender o que os fundamentavam. Após uma minuciosa investigação ele compreendeu que para entendermos os conceitos morais, políticos, econômicos e estéticos de uma sociedade civil, era preciso primeiramente compreender a educação desta sociedade, sua conduta, seus costumes assim como seu refinamento e gosto. Todas essas preocupações são bem evidentes na escrita ensaística de Hume, porque todos seus argumentos tomavam essas questões, além de destacar como elas eram importantes para o progresso e construção de uma sociedade, ressaltava sempre a importância de discuti-las.

Os ensaios humeanos tiveram grande impacto sobre as questões econômicas, (que neste período já eram discutidas por Adam Smith) políticas, morais, religiosas. Hume se preocupava também com as questões históricas e culturais e acreditava que por tratar sobre estes conceitos, de alguma maneira, poderia ajudar nas discussões da sociedade civil. Os ensaios não tinham por objetivo apenas descrever sobre a sociedade civil, tinham como pretensão desenvolver seus aspectos, e o que seria este aspecto? O filósofo acreditava que os aspectos de uma sociedade se encontravam nos costumes dos indivíduos, em suas práticas repetitivas, em seus conceitos morais, no gosto, nos princípios científicos assim como nas questões técnicas, econômicas e políticas.

As questões econômicas e políticas neste período foram uma das mais abordadas pela imprensa na Inglaterra, entre o final do século XVII e início do Século XVIII. Hume, com o intuito de falar sobre essas questões que se demonstravam tão pertinentes à modernidade, baseou-se em fontes e argumentos do período clássico, ao mesmo tempo que tornou os termos e princípios desta tradição mais simples, para que este conteúdo pudesse fornecer aos seus leitores uma prosperidade e progresso intelectual, econômico, científico, filosófico, moral e estético. Todos esses assuntos ecoam sobre os ensaios filosóficos de Hume, não é por acaso que seu título seja “*Ensaaios morais, políticos e literários*”. Após a morte de Hume, John Home, seu amigo, escreveu um esboço sobre ele e afirmou que “seus ensaios são ao mesmo tempo populares e filosóficos, e contêm uma rara e feliz união de profunda ciência e boa escrita”

(HOME, 1976, p.8, tradução nossa). Para John Home os ensaios humeanos mereciam uma atenção, porque além de serem elegantes e terem um estilo provocativo eles são completamente filosóficos em caráter e conteúdo.

Não foi apenas por fama que Hume deixou um pouco de lado seu *Tratado* e dedicou-se a escrita ensaística, seu intuito era mostrar ao público que era possível falar de forma filosófica, de maneira clara e simples sobre questões do cotidiano. Em 1741 David Hume publicou sua primeira edição dos *Ensaaios morais, políticos e literários* e segundo a interpretação de alguns comentadores, os ensaios humeanos trouxeram para Hume uma fama¹⁰. Entretanto, após uma minuciosa investigação, compreende-se que esta fama de certa maneira não foi a que Hume tanto queria, após o século XVIII a atenção dada aos ensaios já não era mais a mesma, isto porque o enfoque destinava-se neste momento as *Investigações e Tratado*. Ensgström (1997, p. 151) considera que existia aqueles que afirmam que os ensaios de Hume não são filosóficos, porque consideram a escrita ensaística de Hume muito simples:

[...] Os filósofos tradicionalmente tendem a não ler os ensaios, precisamente porque são ensaios e não filosofia sistemática. Ou, o elenco retórico dos ensaios é totalmente perdido, e eles são lidos como se não conseguissem produzir uma teoria sistematicamente bem-sucedida - a substância de um livro. Assim, com um pressuposto subjacente sobre o gênero, diz-se que "os ensaios de Hume são reflexões filosóficas tardias" ou "são insuficientemente filosóficos". Isso mantém o status de Hume como um filósofo importante ao escrever um *Tratado*, ao mesmo tempo em que relega a segundo plano os ensaios que desafiariam esse pressuposto enquanto gênero.¹¹

Para demonstrarmos a base filosófica utilizada nos ensaios humeanos, demonstrou-se impreterível delimitar de forma precisa quais foram os conceitos filosóficos utilizados por Hume em sua escrita ensaística, e quais seriam os papéis desses conceitos para construção dos ensaios.

2. Os conceitos filosóficos presentes na escrita ensaística.

Demonstraremos como Hume utilizou três de seus princípios filosóficos mais importantes, como o princípio causal, o hábito e o princípio da simpatia, para tratar de cada

¹⁰ Sobre esta afirmação ler a introdução da obra *Investigações sobre o entendimento humano* (1989), que tem como consultor João Paulo Monteiro e tradutor Anoar Aiex.

¹¹ No original, em inglês: "[...] that philosophers traditionally tend not to read the essays, precisely because they are essays and not systematic philosophy. Or, the rhetorical cast of the essays is missed entirely, and they are read as if failing to produce systematically successful theory-the substance of a book. Thus, with an underlying assumption about genre, it is said that "Hume's essays are philosophical afterthoughts" or "they are insufficiently philosophical". This maintains Hume's status as an important philosopher when writing a *Treatise* while relegating to secondary status the essays that would challenge this assumption-qua genre."

assunto exposto nos ensaios. O primeiro princípio filosófico utilizado por Hume nos ensaios foi o princípio causal, no qual apenas com sua utilização, Hume acreditou ter alcançado uma base sólida e verdadeira para compreender e discutir os conceitos de “acaso”, “causas desconhecidas”, imaginação, educação, formas corruptivas de religião, dentre outros. Como Hume utilizou o princípio causal para tratar desses conceitos? Para explicarmos o movimento filosófico humeano notou-se como de grande importância compreendermos primeiramente qual o fundamento da causalidade e em seguida compreender como Hume o aplicou nos ensaios.

2.1 O princípio causal

Hume, ao investigar a natureza humana, dividiu os objetos da razão em duas categorias como: *relações de ideias* e *questões de fato*. A relação entre ideias corresponde a um conhecimento *a priori*, pois independem da experiência, por exemplo: dizer que $15 \times 5 = 75$ é verdade mesmo que não haja qualquer correspondência na natureza que confirme essa afirmação, negar que esse resultado não é verdadeiro se torna contraditório. Já as questões de fato dependem inteiramente de como o mundo é, e não podem ser estabelecidas por demonstrações, por exemplo: afirmar que um professor não tem graduação é falso, já que para ser professor é necessário que a pessoa seja graduada, acreditar que um professor não tenha graduação e seja professor seria cometer um erro.

A distinção entre as *relações de ideias* e *questões de fato* é chamado pelos especialistas como “o garfo de Hume” (Hume’s Fork), e geralmente é usado para retratar a negatividade humeana, pois ele estaria excluindo proposições que poderiam ser significativas, apenas por não corresponderem com as relações de ideias ou as questões de fato. Assim surge o grande problema da indução na filosofia humeana. A problemática da indução surge a partir de uma análise das noções de causa e efeito estabelecidas pelo filósofo, quando afirmou que a mente é fundamentada apenas pelas impressões e ideais. Hume determinou todas as ideias como atribuições específicas das impressões e das experiências dos sentidos: “todas as nossas ideias simples, em sua primeira aparição, derivam de impressões simples, que lhes correspondem e que elas representam com exatidão” (T, Livro I, parte IV, seção V, p. 280). Assim acredita-se que nesta circunstância as ideias complexas também seriam criadas por combinações de ideias simples. Dessa maneira o filósofo notou que o princípio da causalidade poderia também estar presente nas relações entre ideias.

Para Hume a relação de causalidade seria a única relação possível pela qual poderíamos ir além das experiências e memória, e ocorre quando ligamos a causa de um objeto a um

determinado efeito. Assim a relação de causalidade forneceria a ligação entre as impressões sensíveis aos objetos, surgindo assim uma expectativa futura de que ao observar determinado objeto as sensações seriam a mesma que a anterior. Por exemplo: algumas pessoas são alérgicas a frutos do mar, mas como elas poderiam saber que esses frutos do mar seriam a causa de sua alergia? Para que essas pessoas possam descobrir que sua alergia tem como causa comer os frutos do mar, antes de mais nada elas precisaram comer os frutos, e após comê-los, elas tiveram reações alérgicas. Dessa maneira essas pessoas associam que comer frutos do mar as causam alergia, logo futuramente essas pessoas não comeriam mais os frutos do mar, porque saberiam que se comece novamente teria uma crise alérgica.

Para a filosofia humeana é impossível produzir uma inferência causal sem que em algum momento não houvesse uma experiência anterior, por esta razão Hume compreende ser impossível produzir uma inferência causal a partir de deduções. Em relação as inferências causais qual seria sua fundamentação? De onde elas teriam surgido? Na obra *Tratado da natureza humana*, Livro I, parte III, seção VI, Hume afirma que se a inferência causal tivesse como origem a razão “ela o faria com base no princípio de que *os casos de que não tivéssemos experiência devem se assemelhar aos casos de que tivemos experiências*, e de que o *curso da natureza continua sempre uniformemente o mesmo*” (T, Livro I, parte III, seção VI, p.118 grifo do autor). Todos os casos que não tiveram as experiências como fonte de seu conhecimento são compreendidos por Hume a partir do “princípio da semelhança”, e ele nos mostra que as inferências causais não poderiam surgir dos raciocínios, já que eles apenas demonstram a semelhança entre os casos que não foram experimentados com os que passaram pela experimentação.

Para Hume os raciocínios podem ser divididos apenas em dois tipos: demonstrativos ou prováveis “isso é, conforme considere as relações abstratas entre nossas ideias ou as relações entre os objetos, que só conhecemos pela experiência” (T, Livro II, parte III, seção III, p. 449). Hume acredita que os raciocínios não podem fornecer um argumento ou sequer fundamentar o princípio da inferência causal, porque os raciocínios demonstrativos apenas podem estabelecer conclusões abstratas sobre as ideias e em nenhum momento poderiam ser concebidas como falsas, já os raciocínios prováveis “se fundam na suposição de uma semelhança entre os objetos de que tivemos experiência e aqueles de que não tivemos. É impossível, portanto, que essa suposição possa surgir da probabilidade” (T, Livro I, parte III, seção VI, p.119).

Para responder a própria problemática, Hume demonstra uma possível solução para o problema da indução. Ele supõe que a indução é um princípio produtivo: “quando a mente passa

da ideia ou impressão de um objeto à ideia de outro objeto, ou seja, à crença neste ela não está sendo determinada pela razão, mas por certos princípios que associam as ideias desses objetos, produzindo sua união na imaginação” (T, Livro I, parte III, seção VI, p. 121). Assim Hume nos demonstra que não são os raciocínios da razão que são responsáveis pela indução causal, mas a imaginação. Quando temos a ideia de algum objeto ou um evento que possa ser semelhante, a mente acredita que esse objeto ou evento irá se repetir no futuro, e isso acontece pela “inferência” ou “propensão” do efeito do costume. Esses efeitos dos costumes são uma espécie de instinto natural, que torna os indivíduos mais prósperos no mundo do que se fossem confiar plenamente na razão para produção das inferências causais. Demonstrou-se necessário compreender exatamente como o efeito do costume ajuda na construção das inferências causais e por esta razão dedicaremos uma seção para esta investigação.

2.2 O costume e o hábito

Em sua obra *Investigações sobre o entendimento humano* Hume explica que a repetição entre a associação das ideias leva a mente a inferir com elas conclusões sobre o mundo dos fatos, podendo fornecer até mesmo uma crença na existência desses fatos. O que fundamenta essa formulação entre as ideias é fornecido por um princípio da imaginação denominada por Hume como “hábito ou costume” (ENH, Seção V, parte I, p.86). O hábito e o costume como um princípio da imaginação é uma disposição da própria natureza humana, responsável por a sentir a repetição entre os fenômenos, assim como reproduzir essa repetição nas operações mentais, como explica Hume:

[...] Visto que todas as vezes que a repetição de um ato ou de uma determinada operação produz uma propensão a renovar o mesmo ato ou a mesma operação, sem ser impelida por nenhum raciocínio ou processo do entendimento, dizemos sempre que esta propensão é o efeito do costume (ENH, Seção V, parte I, p. 86)

Hume quer explicar que o hábito ou costume são uma propensão natural da mente que fornece a repetição de eventos que ainda não ocorreram no mundo físico, é com a ajuda desses dois princípios que o ser humano consegue ultrapassar os dados observados, fornecendo assim uma expectativa de que o futuro poderá ter o mesmo resultado do passado. Na interpretação de Hume, o hábito é um dos grandes “guias da vida”¹², o hábito é o princípio que torna as experiências úteis para esperarmos um futuro, no qual encontra-se uma cadeia de

¹² Sobre esta afirmação ler a obra *Hume e a vivacidade das crenças morais* (2016) de Silva.

acontecimentos semelhantes àqueles que ocorreram no passado, porque “sem a influência do hábito, seríamos inteiramente ignorantes de toda questão de fato que extrapole o que está imediatamente presente à memória e aos sentidos (ENH, seção V, parte I, p. 87). O costume e o hábito reforçam a crença nas ideias geradas pela associação dos princípios da natureza humana e dos princípios que regulam a associação de ideias, assim como a existência de ideias de identidade, entretanto não iremos adentrar neste momento sobre esta questão.

O costume também produz na mente uma das mais importantes propensões sobre a repetição dos fenômenos, e qual seria? Ele produz no âmbito da imaginação uma reprodução de novas ideias, mais precisamente crenças e convicções. Isto é possível porque se observamos com cautela o hábito, notamos que é um princípio não observável pela natureza humana e pode ser considerado um objeto passível de percepções¹³. A experiência demonstra que o hábito, apesar de não ser observável, se manifesta de maneira observável a partir de repetições observáveis¹⁴. De acordo com a semelhança, a contiguidade e a causalidade, a natureza humana consegue se familiarizar mais rapidamente com as ideias e suas associações, assim como relacionar ideias que se pareçam muito semelhantes e que anteriormente tenham se repetido.

O hábito é totalmente independente de toda e qualquer influência da razão, origina-se exclusivamente da faculdade imaginativa, isto porque a razão na interpretação de Hume é inapta para construir qualquer tipo de inferência causal indutiva. Esta explicação segundo Hume se dá pelo fato de a racionalidade do homem permanecer indiferente a qualquer repetição dos fenômenos. O princípio do hábito fornece uma explicação para todas as experiências físicas e naturais, já repetidas anteriormente, pode até ser compreendido como uma capacidade não racional da mente de sentir a repetição constante. Assim como a causalidade, a semelhança e a contiguidade, o hábito também pode ter como origem os princípios da associação, acredita-se nesta afirmação porque Hume, em sua obra *Tratado da natureza humana*, Livro I, parte III, seção VI, intitulada “*Da inferência da impressão à ideia*”, afirma que “É verdade que existe um princípio de união entre ideias que, à primeira vista, pode ser considerado diferente desses; mas veremos que, no fundo, ele depende da mesma origem” (T, Livro I, parte III, seção VI, p. 121). O hábito e o costume fazem a mente percorrer o caminho entre as impressões e as ideias, que cada vez se tornam mais complexas e abstratas, e por sempre estarem novamente percorrendo este caminho renova cada vez mais o procedimento associativo entre elas.

¹³ Sobre esta afirmação ler Silva (2016) parte 2.2- hábito.

¹⁴ Sobre esta afirmação ler a obra *Hume e a epistemologia* (1984) de Monteiro.

Para Hume a relação de causalidade entre impressões e ideias é a única forma de relação que possibilita os indivíduos irem além de suas experiências e memórias. Esta causalidade ocorre quando se liga a causa de um determinado objeto diretamente a um determinado efeito, assim a relação de causalidade ligaria as experiências obtidas anteriormente a objetos futuros, portanto surgem as expectativas futuras dos indivíduos. Mas o que o princípio causal e uma expectativa do futuro teria a ver com os ensaios? Tudo. Hume teve a grande engenhosidade de aplicar o princípio causal aos princípios de objetividade e subjetividade para escrever os ensaios. Para esclarecer este movimento engenhoso de Hume, investigaremos primeiramente o que são os princípios de subjetividade e objetividade.

O princípio de subjetividade é designado a uma doutrina que reduz a realidade e seus valores de estado, a partir dos atos de um sujeito: ela é responsável por reduzir a realidade das coisas ao estado do sujeito a partir de suas percepções ou representações. O princípio subjetivista é utilizado também para tratar dos assuntos morais e estéticos, pois ele é um dos responsáveis por tratar dos princípios do bem e do mal, do belo ou do feio reduzindo estes conceitos a preferência individual. Já o princípio de objetividade é designado a uma doutrina que admite a existência de objetos por si mesmos, sem levar em conta as preferências ou interesses subjetivistas, sem precisar de averiguações perceptivas. Este princípio é considerado de grande importância para a ciência, porque admite o objeto e seus significados, conceitos, valores e normas, sem depender de qualquer crença ou opinião dos diferentes sujeitos¹⁵.

2.3 A relação de causalidade aplicada sobre a subjetividade e objetividade

Iremos investigar como Hume aplicou o princípio causal à subjetividade e objetividade, e analisaremos qual a importância dessa relação entre esses princípios para a escrita ensaística. Na interpretação de Hume nenhuma questão requer maior atenção e precisão ao tratar das investigações humanas do que diferenciar com exatidão o que é derivado do acaso e o que é derivado da causalidade. Esta diferenciação é de grande importância, porque para Hume quando algo tem por origem o acaso ou a sorte sua determinação torna sua fonte de investigação impossível e capaz de conduzir os homens a um estado completo de ignorância, já quando algo é determinado por causas certas e estáveis ela fornece aos homens uma extensa forma de saber e tira este homem do seu estado de ignorância. Qual a importância desta explicação sobre o acaso e a causalidade para os princípios subjetivos e objetivos? É apenas com a explicação dos

¹⁵ Para esta afirmação ler ABBAGNANO, *Dicionário de filosofia* (2007), p. 733-933.

princípios do acaso e da causalidade que poderemos compreender a aplicabilidade dos princípios causais ao subjetivismo e objetivismo.

Hume explica a aplicabilidade do princípio causal aos princípios subjetivos e objetivos com a seguinte afirmação:

Se eu tivesse que expor uma norma geral para auxilia-nos a aplicar a distinção entre o acaso e causalidade, seria a seguinte: *Aquilo que dependa de poucas pessoas é, em grande medida, devido ao acaso, ao segredo a causas desconhecidas; aquilo que surja de um grande número pode, por via de regra, ser analisado através de causas determinadas e conhecidas* (EMP, 2013, p. 239, grito do autor)¹⁶.

Nesta passagem Hume quer explicar que há uma grande diferença entre os princípios do acaso e da causalidade, e para explicar de forma clara esta distinção, utiliza os princípios subjetivista e objetivista. O acaso, por ter as percepções e opiniões de um único indivíduo como fonte de seu conhecimento, torna os homens ignorantes ao mesmo tempo que os impossibilita de sair deste estado. Ao contrário do acaso Hume compreende que o princípio causal não poderia se deter apenas ao subjetivismo, por esta razão Hume explica a importância de os princípios causais serem aplicados tanto aos princípios subjetivistas como aos objetivistas. Acreditamos que Hume queira ligar as percepções subjetivistas a um grande número de percepções (fornecidas por vários indivíduos diferentes) de forma objetivista. Neste caso todas as percepções seriam analisadas de acordo com a regra objetiva, ou seja, seriam analisadas em si mesmas sem levar em conta as opiniões ou crenças desses sujeitos, e assim todas essas percepções causais se tornariam causas conhecidas e determinadas.

Quando os princípios causais são aplicados sobre a objetividade e subjetividade, acredita-se que estas causas se tornam mais compatíveis com o objetivo ensaístico de Hume, que seria alcançar uma grande quantidade de percepções causais que se destacavam como recorrentes e aparentes na modernidade. Utilizar apenas uma ou duas relações causais como fonte de conhecimento, para a escrita ensaística seria um grande erro ou acaso. Quando Hume utilizou-se das percepções causais que se demonstram sempre recorrentes na sociedade moderna, seu objetivo era tornar estas questões parte de uma interpretação compartilhada. Esta interpretação compartilhada significaria dizer que parte dos assuntos tratados nos ensaios referem-se a questões que são fornecidas pelo próprio público, público este que não se refere apenas aos intelectuais da modernidade. Assim como Engström, acreditamos que esta interpretação compartilhada tem como fundamento um dos conceitos mais importantes para a

¹⁶ Ensaio “Da Origem e Progresso das Artes e Ciências” (1989).

filosofia moral de Hume, o princípio da simpatia. Por esta razão, investigaremos o que é o princípio da simpatia e ao mesmo tempo esclareceremos por que tratar sobre uma interpretação compartilhada conduz esta pesquisa a acreditar que Hume esteja tratando da simpatia como base para sua escrita ensaística.

2.4 O Princípio da simpatia

Hume discute o princípio da simpatia pela primeira vez em sua obra *Tratado da natureza humana*, na seção intitulada: *Do amor à boa reputação*, afirmando que “não há na natureza qualidade mais notável, tanto em si mesma como por suas consequências, que nossa propensão a simpatizar com os outros e a receber por comunicação suas inclinações e sentimentos, por mais diferentes ou até contrários aos nossos” (T, livro II, parte I, seção XI). Para Hume a simpatia é uma das qualidades mentais mais importantes da natureza humana, porque permite que os indivíduos sejam afetados por situações particulares de outros indivíduos, mesmo quando essas situações e inclinações demonstrem ser completamente diferentes ou contrárias. Na interpretação humeana esta afetação é uma das mais fáceis de serem observadas entre os indivíduos, isto porque o homem é o único indivíduo que demonstra seus sentimentos de prazer e desprazer, amor e ódio, tristeza e alegria e esta demonstração é resultado da produção mental fornecida pelo princípio da simpatia. Mas o que exatamente este princípio faz?

Para Hume o princípio da simpatia é responsável por proporcionar em um indivíduo X, o que o indivíduo Y esteja sentindo, neste caso o indivíduo X deve sentir por si mesmo de forma particular o que o indivíduo Y está sentindo¹⁷. Hume explica que é coerente simpatizarmos com as paixões e sentimentos de outros indivíduos e que este movimento aparece na mente como uma simples ideia, porque não tem força ou vivacidade suficiente para ser considerada uma impressão. Mas não é impossível que esta ideia se torne tão viva quanto uma impressão, como explica Hume “[...] é evidente que as ideias dos afetos alheios se convertem nas próprias impressões que elas representam, e que as paixões nasceram em conformidade com as imagens que delas formamos. Tudo isso é objeto da mais clara experiência e não depende de nenhuma hipótese da filosofia” (T, Livro II, Parte I, seção XI, p. 354). Para Hume as ideias construídas a partir das paixões dos indivíduos, para tornarem-se impressões, ou seja, para serem mais

¹⁷ Sobre esta afirmação ler a obra *SIMPATIA E ALTRUISMO MORAL EM DAVID HUME*, de Neto e Passos, no qual explicam a importância do princípio de simpatia para simpatizarmos com as paixões dos outros indivíduos no meio social.

vivazes, precisam ter uma conformidade com as imagens experienciadas. E o que isto quer dizer? Para que os sentimentos dos indivíduos sejam transmitidos de forma vivaz e intensa, como uma impressão, é necessário que estes sentimentos sejam transmitidos a partir de experiências e não de concepções hipotéticas.

Para os sentimentos alheios afetarem o entendimento de maneira vivaz e intensa como as impressões, é necessário que estes sentimentos forneçam além de uma relação causal, que é responsável por convencer a realidade desta paixão com a qual simpatizamos, uma relação de semelhança e contiguidade, para que a simpatia possa ser sentida em sua plenitude. E qual a importância de a simpatia ser sentida de maneira plena? Para o pensamento de Hume quando a simpatia é sentida de maneira plena as ideias conseguem ser convertidas em impressões, sendo transmitidas de forma vívida e intensa, como explica:

[...] Pois, para além da relação de causa e efeito, que nos convence da realidade da paixão com que simpatizamos, precisamos das relações de semelhança e contiguidade para sentir a simpatia em sua plenitude. E essas relações podem converter inteiramente uma ideia em uma impressão, transmitindo a vividez desta para aquela de maneira tão perfeita que nada se perde na transição, podemos facilmente conceber como a relação de causa e efeito pode, sozinha, servir para fortalecer e avivar uma ideia. Na simpatia, existe uma conversão evidente de uma ideia em uma impressão. Essa conversão resulta da relação dos objetos conosco. [...] Comparemos todas essas circunstâncias, e veremos que a simpatia corresponde exatamente às operações de nosso entendimento; e contem mesmo algo de mais surpreendente e extraordinário (Livro II, Parte I, seção XI, p. 354).

A conversão de uma ideia a uma impressão na simpatia é resultado das relações causais fornecidas pela interação entre os objetos e indivíduos. Não basta conhecermos a nós mesmos, é importante conhecermos os objetos e indivíduos que estão ao nosso redor e descobrirmos como cada um deles poderiam nos afetar. Todas essas circunstâncias de conhecermos a nós mesmos e conhecermos os sentimentos dos outros, são fornecidos pelas operações do entendimento por causa do princípio da simpatia, por este motivo este princípio é o mais extraordinário e surpreendente da natureza humana. A partir de uma minuciosa investigação, observa-se que, quando plena, a simpatia consegue demonstrar aos indivíduos como a dor, a alegria, o prazer e o desprazer do outro conseguem, de forma natural e universal, afetar-lhes, ainda que ocorra de maneira leve e indiferente ou quando pareça não ter muita importância. O que poderia transmitir uma paixão de forma leve ou indiferente?

Na interpretação humeana “os sentimentos das outras pessoas têm pouca influência quando elas estão muito afastadas de nós, pois a relação de contiguidade é necessária para que eles se comuniquem integralmente” (T, Livro II, parte I, seção XI, p. 353). Logo, Hume quer

explicar que de certa maneira para que tenhamos a relação causal ou de contiguidade e semelhança aplicados a simpatia, com o objeto de tornar essas paixões fortes e vivazes, é preciso que o objeto ou indivíduo esteja ou seja o mais próximo possível, porque é apenas desta maneira que poderá ocorrer a conversão da ideia à impressão, como afirma Hume:

As relações de consanguinidade, sendo uma espécie de causalidade, podem às vezes contribuir para o mesmo efeito, como também a convivência, que opera do mesmo modo que a educação [...] quando unidas, levam a impressão ou consciência de nossa própria pessoa à ideia dos sentimentos ou paixões das outras pessoas, fazendo com que os concebamos da maneira mais forte e vívida (T, Livro II, parte I, seção XI, p. 353).

Apesar da relação de consanguinidade ser a mais forte dentre as outras relações, não quer dizer que seja impossível simpatizarmos com amigos, vizinhos ou até mesmo em uma nação. Para o pensamento humeano os indivíduos só conseguem se comunicar em meio a sociedade por meio da simpatia, e que tipo de comunicação seria essa? Comunicar suas crenças, opiniões, percepções, culturas, sentimentos entre outras coisas, só é possível porque em sua própria natureza os homens carregam em si o princípio da simpatia. Por esta razão Hume acredita que a simpatia é um dos princípios mais importantes para a construção moral, ética e estética. Na interpretação de Hume este princípio também é responsável por uniformizar uma grande quantidade de observações, temperamentos e “no modo de pensar das pessoas de uma mesma nação; é muito mais provável que essa semelhança (uniformização) resulte da simpatia que de uma influência do solo ou do clima” (T, livro II, parte I, seção XI, p.351). Nada seria mais natural do que abraçar as opiniões das outras pessoas em sociedade e é a simpatia juntamente com os raciocínios que tornam os sentimentos íntimos desses indivíduos inteiramente presentes a nós.

Todas as relações, seja elas por parentesco, por vizinhança ou proximidade são completamente necessárias para favorecer a simpatia. Logo, compreende-se que por qualidade da natureza humana os indivíduos tendem a compartilhar seus sentimentos, opiniões, cultura, gosto entre si, mas Hume garante que este compartilhamento se torna mais vivo e constante quando ocorrem a partir das concepções causais, fornecidas por percepções particulares, ao passo que sejam analisadas de forma objetiva. E qual a importância desta análise objetiva? Não seria possível escrever sobre a moral, política, artes, filosofia, ciência, formas corruptivas da religião, progresso do gosto, a partir de uma única percepção causal, levando em consideração opinião, preconceitos de um único indivíduo, desta forma compreende-se que mesmo utilizando-se destas percepções causais elas devem ser analisadas de forma objetiva.

Apesar de utilizar uma linguagem mais coloquial Hume queria demonstrar que isto não o incapacitaria de utilizar os princípios mais importantes de sua filosofia. O mais intrigante é que apesar de Hume ter se dedicado à escrita de suas obras, como: *Tratado da natureza humana*, *Investigação sobre o entendimento humano*, *Uma investigação sobre os princípios da moral*, *História natural da Inglaterra*, *História natural da religião* dentre outras, todas elas o tornaram um dos filósofos mais renomados da modernidade, mas ainda não satisfeito dedicou-se a escrita ensaística. Por que Hume dedicou-se a escrita ensaística? E qual o estilo presente nos ensaios que chamou a atenção perante seu objetivo?

3. O porquê dos ensaios e sua estética específica.

Hume escreveu várias obras sobre temas consideráveis e de grande importância para a construção filosófica da modernidade. Entretanto, Hume notou que ele poderia ir mais além do que tinha tratado anteriormente em todas as suas obras, e decidiu tratar de novas questões que ao seu ver também tinham uma grande importância para sua filosofia. O objetivo de Hume com a escrita dos ensaios era fornecer a possibilidade de persuasão necessária para que pudesse obter a confiança de seus leitores, para que estes leitores conseguissem obter um padrão de criticidade, apesar de não serem filósofos ou literários. Hume notou que só conseguiria chamar a atenção de seu público quando discutisse coisas que fizessem parte de seu cotidiano, porque acreditava que esta seria a chave para que seus ensaios fossem comunicáveis e persuasivos o suficiente a ponto de não serem apenas compreendidos pelos intelectuais.

Em algumas teses¹⁸ Hume é interpretado como um filósofo estético quando trata de questões do âmbito moral, tanto na obra *Tratado da natureza humana*: livro III, *Da moral*, quanto nos *Ensaios morais, políticos e literários*. Além de filósofo estético Hume é determinado como um epistêmico sentimental quando se dedicou a escrita ensaística. Investigaremos qual a importância dos princípios estéticos humeanos para a construção ensaística e pretendemos também compreender por que Hume, pela contemporaneidade, é interpretado como um epistêmico sentimental. Para alcançarmos uma resposta para essas questões demonstrou-se necessário primeiramente compreender o que é a estética humeana.

4. A estética humeana

¹⁸ Sobre esta tese ler ENGSTROM, *The Humean Essay as na Issue of philosophical genre* (1997).

Hume acreditava que, assim como a moral, a estética também tratava sobre os princípios do belo e do gosto porque, assim como a moral, a estética se preocupava com questões de refinamento e educação, por serem impressões reflexivas. Assim como o belo, o gosto também é o responsável por produzir no entendimento os sentimentos de aprovação e desaprovação. Entretanto o gosto mental, quando envolvido diretamente com o julgamento moral e estético, adquire um refinamento pelas interposições de ideias. Posteriormente, explicaremos porque as ideias tornam-se fonte deste refinamento¹⁹. Para Hume o julgamento moral assim como a eloquência e o belo são capazes de demonstrar ao entendimento quando as ações são agradáveis ou desagradáveis, assim como demonstra quando o objeto pode ser considerado belo ou feio²⁰. Quando as ações são consideradas boas elas produzem no indivíduo um prazer, este prazer é compartilhado entre o produtor da ação e o observador. Assim como os princípios anteriores, moral, beleza, eloquência, o gosto também é responsável por determinar se um objeto pode ser considerado belo ou feio, porque consegue produzir no indivíduo um sentimento amável, agradável, assim como desagradável e de desprazer (T, livro III, parte I, seção II).

Na interpretação de Hume as decisões de aprovação e desaprovação, estéticas e morais, são determinados a partir das percepções: de impressão e ideias, entretanto Hume quer esclarecer que apenas as impressões poderiam ser o fundamento para esta determinação, e por isso explica que “esses sentimento, de aprovar ou desaprovar, é propriamente sentido que julgado, embora esses sentimentos ou sensações sejam em geral tão brando e suave que tenhamos a confundi-los com uma ideia” (T, livro III, parte I, seção II, p. 510). O que Hume quer esclarecer neste momento é que a beleza, assim como o sentimento de aprovação e desaprovação, são impressões originais e não apenas ideias no pensamento. Nenhum homem poderia construir uma ideia de beleza a partir de outra ideia de beleza. A construção de ideias deriva-se necessariamente de experiências passadas, ou seja, do próprio sentimento de aprovação ou desaprovação, fornecida anteriormente pelas impressões.

O gosto, quando interligado a beleza, fornece às percepções empíricas um julgamento crítico. E o que seria este julgamento? Segundo Hume o julgamento crítico está diretamente ligado ao julgamento moral e estético, pois ele é o responsável por julgar as ações, assim como é o responsável por proporcionar uma determinação à estas ações, por exemplo: uma boa ação é notada como agradável e prazerosa a partir do momento que ela é analisada pelo senso crítico, e após esta análise esta ação é determinada como prazerosa, e agradável (bela), ou desagradável.

¹⁹ Sobre esta afirmação ler *Tratado*, livro II, parte I, seção VIII.

²⁰ Sobre esta interpretação ler RUSSELL, *Moral Sense and Virtue in Hume's Ethics* (2006).

Aqui entra uma das problemáticas mais importantes da filosofia estética de Hume: se um único indivíduo determina uma ação como boa ou bela, esta mesma ação para outro indivíduo pode não ser, então Hume compreende que tratar do gosto ou da beleza de forma subjetivista levando em conta o sentimento e crença de um único indivíduo não poderia ser a fonte para determinar se algo é agradável ou desagradável. Desta forma Hume em seu ensaio *Da origem e progresso das artes e ciências* demonstra que os julgamentos morais e estéticos requerem o ponto de vista mais “estável e geral” fornecidos pela multidão (E-DP, p. 239)²¹.

Após esta investigação, compreende-se o porquê de a presença estética ser de fundamental importância para os ensaios humeanos. A estrutura ensaística de Hume requer os princípios morais e estéticos para tratar destas questões, porque anteriormente elas eram explicadas a partir dos princípios metafísicos e especulativos fornecidos pela religiosidade. A estrutura ensaística forneceu a chave necessária para que os princípios morais, éticos e sociais conseguissem ser explicados a partir das percepções causais fornecidas pela própria comunidade. Assim como a beleza e o gosto são princípios fundamentais para a filosofia moral e estética de Hume, há outro princípio tratado nos ensaios de grande importância, e de fundamental papel para a escrita ensaística, Hume o nomeia como: *eloquência*.

A eloquência citada por Hume é a responsável por incluir opiniões, discursos, argumentos, percepções e outras categorias, como considerações fundamentais para construção de uma escrita que trate de questões fundamentais para uma sociedade²². Este princípio tem tão grande importância para Hume que ele dedicou o ensaio “*Da eloquência*” para explicar: como é importante preocupar-se com os argumentos expostos pela sociedade, ou seja, preocupar-se com coisas específicas do interesse público e não com coisas abstratas. Esta é a razão pela qual Hume é compreendido como um epistêmico sentimental, porque ele trata de questões morais e princípios estéticos a partir das considerações, emoções, opiniões, discursos, sentimentos e percepções causais.

4.1 A estética e sua relação com os princípios causais.

Hume se apropria do benefício da utilização das percepções causais, fornecidas pela comunidade, para tratar dos assuntos estéticos e morais de seus ensaios. Para compreendermos exatamente como esta relação entre as percepções causais de uma comunidade tornam-se a

²¹ Quando tratarmos sobre o Ensaio *Da origem e progresso das artes e ciências*, seu modo de referência será E-DP.

²² Sobre esta afirmação ler a obra THEODORE, *Hume's A esthetics* (2020).

fonte para os princípios morais e estéticos, investigaremos como Hume interpreta o princípio causal presente nos ensaios e qual sua importância para a escrita ensaística. A causalidade humeana presente nos ensaios é compreendida como uma construção de acontecimentos perceptivos dos indivíduos ao longo do tempo e que se tornam de grande utilidade para evolução e desenvolvimento destes indivíduos, por isso Hume afirma que os princípios causais que são fornecidos pela “multidão são sempre de natureza mais grosseira e obstinada, menos sujeita a mudança e menos influenciáveis pela fantasia e extravagância” (E-DP, p. 239).

Nesta afirmação Hume quer explicar a importância de as percepções causais serem fornecidas pela comunidade, pois caso se utilize de percepções individuais poderia tornar os princípios estéticos e morais influenciados “pela teimosia, loucura ou capricho”. Esta é a razão pela qual a causalidade humeana presente nos ensaios teve as percepções causais fornecidas pela comunidade. Os princípios causais fornecidos pela comunidade possibilitaram a construção das relações sociais e discursivas entre a comunidade. Para Hume este processo só foi possível com a ajuda da estética e moral, que ajudaram diretamente na construção dos assuntos que se mostravam recorrentes e pertinentes à modernidade.

A estética filosófica, juntamente com o princípio causal, forneceu a Hume a importante tarefa de tratar a natureza dos sujeitos na medida em que são sujeitos postos na sociedade, e a melhor maneira de demonstrar isso é quando se “estabelece pelo consentimento e experiência de todas as nações” os conceitos necessários para a construção dos princípios morais e éticos. Para Hume uma sociedade precisa necessariamente de uma ampla construção: científica, literária e filosófica, para que se possa estabelecer princípios políticos, morais e éticos.

5. A escolha irônica de Hume, enquanto gênero ensaístico, e sua relação com os princípios morais e estéticos.

Na interpretação de Engström a ironia presente nos ensaios de Hume encontra-se especialmente em “*Da origem e progresso das artes e ciências, Da eloquência e Do padrão do gosto*” (ENGSTÖM, 1997, p. 155). A escolha irônica enquanto gênero filosófico teve grande importância para tratar das questões ensaísticas, já que cada ensaio trata de um determinado assunto de forma mais livre, conseguindo desta forma atrair completamente o leitor. O objetivo da escolha irônica era escrever os ensaios como uma unidade de diálogo intelectual que pudesse fornecer à comunidade uma reforma cultural, na qual, mesmo os indivíduos sendo

completamente distintos, pudessem de alguma forma contribuir para a construção dos processos científicos, filosóficos, morais e estéticos de uma comunidade.

Os ensaios humeanos enquanto gênero irônico foram a chave para a escrita estética e moral de Hume. Foi a primeira obra do âmbito estético escrito pelo filósofo. Nota-se a dedicação de Hume para tratar de questões do gosto, sentimentos, progresso das artes, eloquência, tragédia, da origem do governo, dentre outros. Todos esses assuntos foram abordados por Hume de forma objetiva: discutem questões reais fornecidas pelas experiências como fonte de conhecimento para fundamentar os princípios morais. Sem dúvida o gênero irônico é considerado um dos mais adequados para expressar o caráter dos conteúdos que anteriormente eram excluídos pela filosofia moderna. Esta é a razão pela qual os ensaios filosóficos de Hume foram considerados de grande importância para questões éticas, morais e estéticas.

Hume constrói sua base ensaística a partir das considerações experimentais fornecidas pela comunidade, analisadas de acordo com sua filosofia experimental que leva em consideração todas as interpretações humanas assim como suas ramificações, e o que isso quer dizer? Quer dizer que Hume conseguiu construir uma relação entre as percepções causais juntamente com os princípios do hábito, da simpatia, objetividade e subjetividade, como fundamento para determinação dos princípios estéticos e morais, além de fornecer a esta nação uma construção histórica de sua própria realidade.

Considerações finais

Nosso objetivo foi demonstrar com a presente investigação que os ensaios humeanos são sim completamente filosóficos, e que sua base tem por fundamento três dos princípios mais importantes para a filosofia de Hume: o princípio de causalidade, o hábito e a simpatia. Foi com esses três princípios que Hume conseguiu trazer seus ensaios ao âmbito mais cotidiano da modernidade, assim como conseguiu produzir um teor crítico em seus leitores, ao escrever sobre as questões mais recorrentes naquele momento tão inovador que foi o período do iluminismo. Ao passo que seus escritos foram produzidos, seu público-alvo, o mundo da sociedade civil educada e o mercado literário, conseguiram ter acesso a escrita ensaística. No desenvolvimento desta investigação demonstrou-se de grande importância compreender a parte prática dos ensaios humeanos.

Referências bibliográficas

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins fontes, 2007.
- BLACK, S. Thinking in Time in Hume's *Essays*. *Hume Studies*, Volume 36, número 1, 2010, pp.3–23.
- Disponível em: https://www.academia.edu/4003154/_Thinking_in_Time_in_Humes_Essays
- EDLMAN, C. Michel de Montaigne. *Internet Encyclopedia of Philosophy*.
- Disponível em: <https://iep.utm.edu/montaigne/#H2>
- ENGSTRÖM, T. Foundational Standards and Conversational Style: The Humean Essay as an Issue of Philosophical Genre. *Philosophy & Rhetoric*. Vol. 30, número 2, 1997, pp. 150-175.
- Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40237946>
- HUME, D. *A Treatise of Human Nature*. Ed. Selby Bigge, Clarendon press, 1896.
- HUME, D. *Da imortalidade da alma e outros textos póstumos*. Rio Grande do Sul: Editora Unijuí, 2006.
- HUME, D. *Essays Moral, Political and Literary*. New York: Library of Congress Cataloging in Publication, 1985-1987.
- HUME, D. *Investigação acerca do entendimento humano*. São Paulo: Nova Cultura, 1989.
- HUME, D. *Selected essays*. New York: Oxford University Press Inc., 1993.
- HUME, D. *Tratado da natureza humana*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- HUME, D. *Uma investigação sobre os princípios da moral*. Tradução: José Oscar de Almeida Marques. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.
- JOHN, H. *A Sketch of the character of llfr. Hume and Diary of a Journey from Morpeth to Bath*. David Fate Norton (editor). Edinburgh: Tragara Press, 1976.
- MONTEIRO, J. P. *Hume e a epistemologia*. Imprensa nacional/casa da moeda. 1984.
- NETO, F / PASSOS, I. *Simpatia e altruísmo moral em david hume*. *Intuitio*. Volume 12, número 1, 2019. <http://dx.doi.org/10.15448/1983-4012.2019.1.32091>
- NORTON, D. *An Introduction to Hume's Thought*. Published online by Cambridge University Press, 2009.
- RUSSELL, P. *Moral Sense and Virtue in Hume's Ethics*. Timothy Chappell (editor). Oxford e New York, 2006.
- SILVA, A. Hume e a vivacidade das crenças morais. *Rumos da epistemologia*. Volume XVI, 2016.
- SIMPSON, D. Francis Bacon. *Internet Encyclopedia of Philosophy*.

Disponível em: <https://iep.utm.edu/francis-bacon/#SH2a>

THEODORE, G. Hume's Aesthetics. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Edward N. Zalta (editor). 2021.

Disponível em: [https://plato.stanford.edu/archives/win2021/entries/hume- estética/](https://plato.stanford.edu/archives/win2021/entries/hume-est%C3%A9tica/)